

A negação nas línguas: um universal lingüístico

Gabriel de Ávila Othero

Mestre em Lingüística Aplicada pela PUC-RS

Doutorando em Lingüística Aplicada pela PUC-RS

Bolsista do CNPq

RESUMO: Este artigo defende a idéia mais ou menos consensual na Lingüística de que as sentenças negativas são sintaticamente marcadas em relação à sua correspondente afirmativa, além de que elas pressupõem (sintática, semântica e pragmaticamente) uma sentença anterior afirmativa. O estudo analisará traduções de uma sentença do português brasileiro para 25 outras línguas e fará uma análise dos dados para confrontar esses dados de diferentes línguas com a tese defendida no texto.

Palavras-chave: Sintaxe; Tipologia; Universais lingüísticos

Negation in human languages: a language universal

ABSTRACT: This article defends the wide spread idea in Linguistics, so to speak, that negative sentences are syntactically marked when compared to their affirmative correspondents. Besides that, the text supports the idea that negative sentences presuppose (in a semantic, syntactic and pragmatic way) a previous affirmative sentence. This study will analyze pairs of affirmative/negative sentences in 25 different languages and will check if the data found in these sentences contradict or confirm the main idea sustained in this text.

Keywords: Language universals; Linguistic typology; Syntax

Introdução

The first statement-making is the affirmation, next is the negation
 Aristóteles

A idéia central deste artigo é sustentar a tese mais ou menos implícita e comumente aceita de que a negação é um fenômeno natural e universal expresso pelas

línguas naturais humanasⁱ. Na verdade, vamos um pouco mais além neste artigo: queremos mostrar também que uma sentença negativa é universalmente *marcada* em relação à sua correspondente declarativa. Veremos que, dado um par de sentenças (uma declarativa e uma negativa), a sentença negativa apresentará sempre uma estrutura sintática (ou morfossintática) mais complexa, com mais “material lingüístico” do que sua correspondente afirmativaⁱⁱ.

Isso, no entanto, faz referência a outras duas idéias, que assumiremos como verdadeiras aqui: (i) há sentenças que são *marcadas* e sentenças que são *não marcadas* nas línguas naturais; e (ii) acreditamos que uma sentença negativa pressuponha a existência de uma sentença declarativa – ou seja, essa deve ser anterior àquelaⁱⁱⁱ.

Há, evidentemente, diversos mecanismos para exprimir a negação nas línguas^{iv}. Aqui, enfocaremos o que NEVES (2000) chama de *negação predicativa oracional*. Acreditamos que esse é o mecanismo típico de negação que se apresenta em todas as línguas. De acordo com NEVES (2000, p. 294), esse tipo de negação “é o contexto típico da negação: a negação age no nível da própria oração, e a oração é sintaticamente negativa, comportando pelo menos um elemento negativo” (grifos da autora).

Vejamos alguns exemplos:

- (1) O João não ama a Maria.
- (2) Não choveu ontem^v.

1. Negação como pressuposição

Como já dissemos, acreditamos que uma sentença negativa pressuponha a existência de uma correspondente afirmativa. Essa idéia não é originalmente nossa; como já havíamos dito, ela parece ser um consenso nos estudos lingüísticos. GIVÓN (2001, p. 370-71), por exemplo, diz que as “asserções negativas são tipicamente feitas sobre a assunção tácita de que o ouvinte tenha ouvido, ou acredita, ou pode aceitar, ou pelo menos está familiarizado com a correspondente afirmativa”^{vi}.

Isso quer dizer que, para um falante expressar (1), acima, provavelmente seria esperado no seu contexto comunicativo a pressuposição (pragmática) da proposição *João ama Maria*. O mesmo acontece no que diz respeito a (2): para o falante expressar (2), é necessário que esteja pressuposta a sua correspondente afirmativa (*Choveu ontem*), de alguma maneira. Vejamos alguns contextos, ilustrados pelos diálogos abaixo:

(3) A: É verdade que o João ama a Maria?

B: Não. *O João não ama a Maria.*

A: Mas é o que estão dizendo por aí.

(4) A: Você sabe se alguém ama a Maria?

B: *O João não ama a Maria.*

A: Mas eu nunca disse que ele a amava.

(5) A: Choveu aqui ontem?

B: *Não choveu ontem.*

(6) A: Como estava o tempo ontem?

B: ? *Não choveu ontem.*

Para NEVES (2000, p. 329), a negação é amplamente usada exatamente nesse sentido, ou seja,

para negar crenças esperadas pelo ouvinte em contextos nos quais a afirmativa correspondente foi suposta. Quando o falante compõe um enunciado negativo, ele indica ter mais suposições sobre o conhecimento do ouvinte do que quando compõe um enunciado afirmativo. [grifos da autora].

Ilustramos essa idéia com os pequenos diálogos (3) a (6) acima. Se a afirmação é pressuposta, a negação pode ser utilizada sem o estranhamento do interlocutor. Por isso, em (4) e (6), a proposição negativa parece não ter um *background* onde se apoiar e que possa justificar seu uso pelo locutor naqueles contextos^{vii}. Daí o estranhamento do interlocutor A em (4) e a estranheza da resposta de B em (6).

2. Negação como estrutura sintaticamente marcada

Considere as seguintes sentenças, (7) e (8):

(7) O João ama a Maria.

(8) O João não ama a Maria.

Dissemos que acreditávamos que a sentença negativa teria uma *estrutura sintaticamente marcada* em oposição à sua correspondente afirmativa. E aqui nos justificamos. De acordo com Givón (1993, p. 178), são critérios para se considerar uma

estrutura marcada em relação à outra, não marcada: (a) a complexidade estrutural; (b) a distribuição discursiva; e (c) a complexidade cognitiva^{viii}.

Ainda segundo Givón (2001, p. 38), as estruturas marcadas

pode[m] ser vista[s] como um meta-princípio que rege a iconicidade, expressando a correlação – admitidamente nem sempre perfeita – entre a complexidade estrutural e a complexidade funcional. (...) Categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser também substantivamente mais marcadas.^{ix}

Dadas as duas sentenças (7) e (8), consideraremos (8) a sentença marcada e (7) a não marcada. Isso se justifica pelo fato de que (8) apresenta mais material lingüístico do que (7) – em (8), há uma palavra a mais, a partícula negativa *não*, inexistente em (7) – e (8) pressupõe, nos sentidos sintático, semântico e pragmático, a existência de (7).

Ora, por apresentar mais material lingüístico que sua correspondente afirmativa, a sentença (8) satisfaz o quesito (a), apresentado por Givón: a sentença negativa apresenta uma estrutura mais complexa do que sua correspondente afirmativa, sendo, portanto, a estrutura marcada no par *afirmativo x negativo*. Contentar-nos-emos com esse critério para classificar as negativas como *marcadas*.^x E será com base nesse critério que tentaremos mostrar, então, que as sentenças negativas são marcadas, em todas as línguas naturais humanas, apresentando mais material lingüístico do que suas correspondentes afirmativas.

3. Um estudo tipológico da negação

Organizamos o seguinte teste prático: partimos de um par de sentenças do português brasileiro e tentamos traduzi-lo para tantas línguas quanto possível, no intuito de verificar se nossa hipótese inicial (de que a sentença negativa apresenta mais elementos do que sua correspondente declarativa) se mostrava acertada.

Obtivemos a tradução de nosso par de sentenças para 25 outras línguas, com o auxílio de diversos colegas lingüistas, de diferentes universidades e centros de pesquisa ao redor do mundo^{xi}. Julgamos que o número de 25 traduções de diferentes línguas estava adequado a nossos propósitos de exemplificação de nosso argumento. Evidentemente, não tiramos conclusões *a partir* dos exemplos; antes, usamo-los para

corroborar nosso argumento, ou mesmo para verificar se poderia haver algum contra-exemplo para refutar nossa tese.

Nesse sentido, retomamos as palavras de Halle (1971, p. 122), em um texto já clássico, acerca da existência de traços distintivos dos fonemas das línguas naturais:

O número total de diferentes traços distintivos é bem pequeno; parecem estar por volta dos quinze. Esses 15 atributos são suficientes para caracterizar todos os segmentos em todas as línguas. Como não podemos conhecer todas as línguas – por exemplo, as que serão faladas no futuro – essa afirmação deve ser compreendida como uma proposição a respeito da natureza da linguagem humana em geral. Afirma na verdade, que as línguas humanas são foneticamente muito semelhantes, que elas *não* “diferem uma da outra de maneira ilimitada e imprevisível”. Como todas as generalizações, esta afirmativa pode ser falseada através de contra-exemplos válidos. A sua veracidade não pode, porém, com a mesma conclusividade, ser provada. No máximo o que se pode fazer é mostrar que a evidência disponível faz parecer muito provável que ela seja verdadeira. [grifos do autor]

E fazemos nossas palavras as palavras de Halle: como não podemos conhecer todas as línguas – especialmente aquelas que ainda estão por surgir, no futuro –, a afirmação *de que as sentenças negativas são linearmente mais longas do que suas correspondentes afirmativas e estruturalmente mais complexas do que elas* deve ser compreendida como uma proposição a respeito da natureza da linguagem humana em geral. Ela afirma, na verdade, que as línguas humanas *obedecem a certos princípios sintático-pragmáticos universais, que acabam sendo refletidos na estrutura morfossintática das sentenças de uma língua.*

3.1 Comparação com outras línguas

Partimos do seguinte par de sentenças em português (as partículas negativas estarão sempre em negrito, daqui para a frente):

- (9) Português
 Af: O João ama a Maria.
 Neg: O João **não** ama a Maria.

Obtivemos as traduções desse par de sentenças para 25 outras línguas^{xii}:

- 13 línguas indo-europeias, quatro do ramo Germânico (alemão, holandês, inglês e sueco), quatro do ramo Latino (espanhol, francês, italiano e latim clássico)^{xiii}, duas do ramo Eslávico (polonês e tcheco), duas do ramo Índico (hindi e sânscrito) e uma do ramo Helênico (grego antigo);
- 3 línguas da família de línguas africanas, duas do ramo Kwa (igbo e twi) e uma do ramo Bantu (suahíli);
- 2 da família altaica, uma do ramo Nipônico (japonês) e outra do ramo Turcomânico (turco);
- 2 línguas da família afro-asiática, ambas do ramo Semítico (árabe e hebraico);
- 2 línguas indígenas ameríndias, uma do ramo Tupi (guarani) e outra independente (ticuna);
- 1 da família sino-tibetana, do ramo Sinítico (chinês);
- 1 da família uraliana, do ramo Fínico (finlandês);
- e o basco (uma língua independente de qualquer família lingüística conhecida)

Abaixo está a relação do par de sentenças em (9) traduzido para as línguas apontadas^{xiv}:

(10) Alemão

Af: Johan liebt Maria.

Neg: Johan liebt Maria nicht.

(11) Árabe

Af: Hana lohebu Mariam.

Neg: Hana la lohebu Mariam.

(12) Basco

Af: Jon-ek Miren maite du.

Neg: Jon-ek ez du maite Miren.

(13) Chinês

Af: João ai Maria.

Neg: João bu ai Maria

(14) Espanhol

Af: Juan ama a María.

Neg: Juan no ama a María.

(15) Finlandês

Af: Jani rakasta Mariaa.

Neg: Jani ei rakasta Mariaa.

(16) Francês

Af: Jean aime Marie.

Neg: Jean n'aime pas Marie.

(17) Grego antigo

Af: Iooánees eráa Maríaan.

Neg: Iooánees uk eráa Maríaan.

(18) Guarani

Af: Huã ohayhu María.

Neg: Huã ndohayhui Maria.

(19) Hebraico

Af: Jon ohev et Mary.

Neg: Jon lo ohev et Mary.

(20) Hindi

Af: Jon merii ko pyaar kartaa hai.

Neg: Jon merii ko pyaar nahiin kartaa (hai).

(21) Holandês

Af: Jan lief Marie.

Neg: Jan lief Marie niet.

(22) Igbo

Af: Jon huru Mery na-anyá.

Neg: Jon ahughi Mery na-anyá.

(23) Inglês

Af: John loves Mary.

Neg: John doesn't love Mary.

(24) Italiano

Af: Giovanni ama Maria.

Neg: Giovanni non ama Maria.

(25) Japonês

Af: John wa Mary ga suki desu.

Neg: John wa Mary ga suki jya nai desu.

(26) Latim Clássico
Af: Johannis amat Mariam.
Neg: Johannis non amat Mariam.

(27) Polonês
Af: Jan kocha Meni.
Neg: Jan nie kocha Meni.

(28) Sânscrito
Af: Jonir Marim prinati.
Neg: Jonir Marim na prinati.

(29) Suahíli
Af: John ampenda Maria.
Neg: John hampendi Maria.

(30) Sueco
Af: John älskar Mary.
Neg: John älskar inte Mary.

(31) Tcheco
Af: Jan miluje Marii.
Neg: Jan Marii nemiluje.

(32) Ticuna
Af: Juao rü nunanhethau Maria.
Neg: Juao rü tama nunanhethau Maria.

(33) Turco
Af: Jan Meryen'i seviyor.
Neg: Jan Meryen'i sevniyor.

(34) Twi
Af: John dɔ Mary.
Neg: John ndɔ Mary.

3.2 Comentários sobre os dados

Nossa primeira preocupação foi organizar os dados de acordo com a maneira com que a língua expressa a negação na sentença dada. Separamos as línguas em cinco diferentes grupos, conforme os seguintes critérios:

Grupo 1: línguas que acrescentam apenas um elemento lexical na estrutura sintática da sentença negativa;

Grupo 2: línguas que acrescentam dois elementos lexicais na estrutura sintática da sentença negativa;

Grupo 3: línguas que acrescentam um afixo negativo;

Grupo 4: línguas que acrescentam algum elemento negativo e fazem inversão de ordem das palavras na sentença;

Grupo 5: línguas que utilizam outros mecanismos para manifestar a negação.

Confira abaixo a tabela comparativa organizando as línguas conforme nossa classificação nos grupos:

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
alemão, árabe, chinês, espanhol, finlandês, grego antigo, hebraico, hindi, holandês, italiano, latim clássico, polonês, sânscrito, sueco e ticuna	francês, inglês e japonês	guarani, turco e twi	basco e tcheco	igbo e suahili

Tabela 1: Negação nas sentenças das 25 línguas estudadas

Algumas observações devem ser feitas. Em primeiro lugar, a mais óbvia: em todas as vinte e cinco línguas estudadas, a sentença negativa do par *afirmativo x negativo* apresentou invariavelmente pelo menos um elemento a mais em sua estrutura sintática ou morfossintática, o que vai ao encontro de nossa hipótese inicial.

As línguas do grupo 1, grupo onde também podemos enquadrar o português, apresentam somente um elemento lexical na sentença negativa, que não existe na sua correspondente afirmativa. Veja a tabela 2:

Língua	Elemento lexical negativo
alemão	nicht
árabe	la
chinês	bu
espanhol	no
finlandês	ei
grego antigo	uk
hebraico	lo
hindi	nahiin
holandês	niet
italiano	non
latim clássico	non
polonês	nie
sânscrito	na
sueco	inte
ticuna	tama

Tabela 2: Negação nas línguas do grupo 1

No grupo 2, encontramos línguas que apresentam mais de um elemento na sentença negativa, quando comparada com sua correspondente afirmativa. Esse é o caso do francês, do inglês e do japonês. Veja a tabela 3:

Língua	Elementos lexicais negativo
francês ^{xv}	ne... pas
inglês ^{xvi}	doesn't
Japonês	jya nai

Tabela 3: Negação nas línguas do grupo 2

No grupo 3, as línguas também apresentam um elemento negativo; porém, esse elemento não é um item lexical, mas um afixo verbal. Compare as sentenças afirmativas e negativas das línguas do grupo 3:

Língua	Sentença afirmativa	Sentença negativa
guarani	Huã ohayhu María.	Huã ndohayhui Maria.
turco	Jan Meryen'i seviyor	Jan Meryen'i sevniyor
twi	John do Mary	John ndo Mary

Tabela 4: Negação nas línguas do grupo 3

Em turco, a negação é expressa pelo infixo verbal -n- (*seviyor x sevniyor*). Curiosamente, em twi, a negação é expressa pelo prefixo verbal n- (*do x ndo*). Em guarani, temos a negação expressa através do prefixo verbal nd- e do sufixo -i (*ohayhu x ndohayhui*).

As línguas que classificamos como pertencentes ao grupo 4 também apresentam um elemento lexical a mais na sentença negativa e, além disso, sofrem uma mudança linear na estrutura sintática da sentença. Veja a tabela 5:

Língua	Sentença afirmativa	Sentença negativa
basco	Jon-ek Miren maite du	Jon-ek ez du maite Miren
tcheco	Jan miluje Marii	Jan Marii nemiluje

Tabela 5: Negação nas línguas do grupo 4

Em basco, o elemento negativo é expresso pelo item lexical *ez*; em tcheco, pelo prefixo verbal *ne-*. Em ambas as línguas, o objeto\tema “Maria” (*Miren* e *Marii*, respectivamente) alteram de lugar com o verbo na estrutura sintática da frase negativa.

Finalmente, as línguas do grupo 6 expressam a negação por tipos diferentes de mecanismos. Acompanhe a tabela 6:

Língua	Sentença afirmativa	Sentença negativa
igbo	Jon huru Mery na- anya	Jon ahughi Mery na- anya
suahíli	John ampenda Maria	John hampendi Maria

Tabela 6: Negação nas línguas do grupo 5

Nessas duas línguas, há mais do que um simples acréscimo de itens lexicais ou afixos na sentença negativa. Não entraremos em maiores detalhes sobre o processo de negação nessas duas línguas aqui neste artigo, porque isso fugiria da nossa proposta^{xvii}. O que é interessante para nós é comprovar que, em todas as sentenças traduzidas, a sentença negativa é estruturalmente mais complexa do que sua correspondente negativa, corroborando nossa hipótese inicial.

Propusemos uma tese com este texto: a tese de que, em todas as línguas humanas, uma sentença negativa é estruturalmente mais complexa do que sua correspondente afirmativa. Essa complexidade se manifesta na maior quantidade de material lingüístico que deve ser utilizada para marcar uma sentença negativa em oposição à sua contraparte afirmativa.

Na verdade, já havíamos mencionado aqui que parece ser um consenso nos estudos lingüísticos (especialmente de cunho formal e discursivo) que as sentenças negativas são sentenças com estruturas marcadas e que elas pressupõem a existência de uma sentença declarativa correspondente. Essas duas características das sentenças negativas são universais da linguagem. Traduzimos um par de sentenças *afirmativa x negativa* da língua portuguesa para 25 outras línguas, e os dados corroboraram nossa hipótese. Evidentemente, não podemos verificar todas as línguas humanas (há muitas já extintas e muitas que ainda estão por aparecer no decorrer da história). Contudo, até que se encontre um contra-exemplo, acreditamos que a tese que defendemos nesse artigo possa se aplicar como uma característica universal da linguagem humana.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Categories and De Interpretatione*. Tradução e notas para o inglês: J. L. Ackrill. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology – syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- DUCROT, Oswald. *Les échelles argumentatives*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- FOREIGN SERVICE INSTITUTE. *Igbo Basic Course*. Audio-Forum, 1999.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *D.E.L.T.A.*, 2001, vol. 17, n. 1. [www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/lng_pt/pid_0102-4450/nrm_iso]
- GUIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GUIVÓN, Talmy. *English grammar – a function-based introduction*. V. 1. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GUIVÓN, Talmy. *Syntax*. V. 1. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HALLE, Morris. Conceitos básicos de fonologia. In: LEMLE, M. et al. (orgs). *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1971.

NEVES, Maria Helena de Moura. A negação. In: NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

RUSSELL, Joan. *Teach Yourself Swahili: Complete Course*. McGraw-Hill Companies, 2003.

SWART, Henriëtte. A typology of negation in a constraint-based framework of syntax and semantics. *Proceedings of the HPSG04 Conference*. CSLI Publications, 2004. [<http://csli-publications.stanford.edu/>].

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no Ocidente – origem, história, geografia*. São Paulo: Mandarin, 1997.

ⁱ Cf. GUIVÓN (1993, 2001) e SWART (2004), por exemplo.

ⁱⁱ Sérgio Menuzzi (em comunicação pessoal) nos alerta para o fato de que isso possa ser “simplesmente o resultado do princípio icônico de que maior quantidade de informação proposicional equivale a maior quantidade de código: a negação adiciona a informação adicional a uma proposição/descrição de uma situação (digamos, ‘S’) de que a proposição/descrição da situação não é o caso: portanto ‘não-S’”.

ⁱⁱⁱ Com “pressupor”, fazemos referência tanto à pressuposição “sintática/semântica”, como à pressuposição pragmática.

^{iv} Cf. GUIVÓN (2001) e SWART (2004), por exemplo. Em português brasileiro, cf. NEVES (2000), PERINI (2000) e FURTADO DA CUNHA (2001).

^v Há outros tipos de negação, que não serão abordados aqui. Por exemplo: “João **nunca** amou Maria”; “**Ninguém** ama Maria”; “Isso é completamente ilegal”; etc.

^{vi} Trecho original: “Negative assertions are typically made on the tacit assumption that the hearer either has heard about, believes in, is likely to take for granted, or is at least familiar with the corresponding affirmative”.

^{vii} Sobre a pressuposição em sentenças negativas, ainda encontramos um referencial teórico importante em DUCROT (1980), para quem toda proposição negativa pressupõe uma afirmativa anterior. Essa mesma idéia também já é vista em Aristóteles (1978), de onde retiramos a citação do começo do artigo.

^{viii} Agradecemos a Sérgio Menuzzi (em comunicação pessoal), pela comentário a respeito dessa idéia: “aqui entra a ‘pressuposição no sentido semântico/sintático’: frases negativas têm maior complexidade cognitiva porque têm conteúdo proposicional mais complexo: uma proposição mais uma operação semântica sobre esta proposição – a inversão de seu valor de verdade”.

^{ix} Trecho original: “(...) may be viewed as the governing meta-principle of iconicity, expressing the correlation – admittedly not always perfect – between structural and functional complexity. (...) Categories that are structurally more marked tend to also be substantively more marked”.

^x Também poderíamos argumentar no sentido dos critérios (b), distribuição discursiva, e (c), complexidade cognitiva, para mostrar como as sentenças negativas são marcadas em relação às suas correspondentes afirmativas.

De acordo com GUIVÓN (2001, p. 373) as sentenças afirmativas são muito mais frequentes que as negativas, ao menos em textos escritos, em língua inglesa. Em GUIVÓN (1979), ele encontrou os seguintes dados de ocorrências de orações negativas e declarativas em textos em língua inglesa: 95% das orações em textos acadêmicos são afirmativas (e apenas 5% são negativas), e 88% das orações em textos de ficção são declarativas (e apenas 12% são negativas). Isso argumenta a favor de (b), que diz que as sentenças com estruturas marcadas são menos frequentes do que as não marcadas.

Além disso, como vimos, acreditamos que uma sentença negativa pressupõe a existência de uma sentença afirmativa e apresenta mais material lingüístico do que sua correspondente afirmativa. Poderíamos nos arriscar a dizer que isso leva a pensar que o critério (c) também se aplique. Ou seja, poderíamos pensar que as sentenças negativas sejam, por isso, mais complexas no que diz respeito a seu processamento cognitivo. No entanto, não nos arriscaremos a declarar tal idéia, sugestiva mas perigosa, neste artigo.

^{xi} Agradecemos aos amigos e colegas que auxiliaram com as traduções: Carolina Fraga, Chege J. Githiora, Ellayan Alladin, Felipe Telli Fisch, Fernando Zuñiga, Francisco J. L. Lemos, Ivar Hartmann, Joel Araújo, Junko Baba, Les Zsoldos, Patrícia Bergoli, Peter Cole, Rama Kant Agnihotri, Sebastian Drude, Richard E. Clairmont, Sérgio de Moura Menuzzi e Wilson de Lima Silva.

^{xii} A classificação genética das línguas segue principalmente as propostas de COMRIE (1989) e WALTER (1997).

^{xiii} O português é também classificado como uma língua indo-européia do ramo Latino.

^{xiv} Algumas línguas são ágrafas. Qualquer tentativa de grafia não é portanto mais do que uma tentativa de aproximação da fala. Todas as sentenças estão escritas aqui com caracteres do alfabeto latino ocidental moderno.

^{xv} No francês contemporâneo coloquial falado, principalmente na França, a partícula **ne** está entrando em desuso para expressar a negação. No registro coloquial, ambas as sentenças são aceitas: *Jean n'aime pas Marie* e *Jean aime pas Marie*.

^{xvi} Apesar de **doesn't** parecer apenas um elemento lexical, ele é, na verdade, a contração do verbo auxiliar **do** (flexionado na terceira pessoa do singular) com a partícula negativa **not**. Ambas as sentenças são gramaticais e encontradas em inglês: *John doesn't love Mary* e *John does not love Mary*.

^{xvii} O leitor pode consultar Foreign Service Institute (1999) e RUSSELL (2003), para saber mais sobre o igbo e o suahíli.